



Entre história e mito: o desafio interpretativo e sombrio do pensamento sobrenatural

Rodrigo Felipe Veloso*

Universidade Estadual de Montes Claros | Montes Claros, Brasil.
rodrigof_veloso@yahoo.com.br

O horror está sempre à espreita no fundo do mundo mágico, e tudo que é “sagrado” está sempre misturado com o horror.

(Ernst Schertel, *Magie*, 1923).

Os monstros de Hitler: uma história sobrenatural do Terceiro Reich, de Eric Kurlander, propõe uma abordagem original e instigante sobre o regime nazista, ao investigar as conexões entre o ocultismo, o esoterismo e o pensamento mágico nas políticas e práticas do Terceiro Reich. Longe de restringir sua análise à explicação convencional dos aspectos ideológicos do nazismo – comumente associados ao racismo científico, ao autoritarismo e ao expansionismo –, Kurlander examina como o imaginário ocultista e sobrenatural permeou o aparato simbólico e algumas ações concretas do regime de Adolf Hitler. O autor revela como o regime nazista se apropriou de tradições esotéricas, pseudociências e mitologias arcaicas para fundamentar um projeto de poder que se apresentava como “científico”, mas que, em seu núcleo, era atravessado por crenças místicas e irrationais.

Os monstros de Hitler está estruturado em três partes cronológicas reunidas por três capítulos cada uma.

A parte I traça o papel do pensamento sobrenatural no Partido Nazista desde seus antecedentes intelectuais no final do século XIX até a tomada do poder em 1933. [...] A parte II do livro se concentra no papel do pensamento sobrenatural durante os primeiros seis anos do Terceiro Reich. [...] A parte III examina o papel do pensamento sobrenatural durante a Segunda Guerra¹.

Kurlander cunha o termo “iluminismo negro” para designar o amálgama entre ciência e ocultismo que caracterizou muitos setores da elite nazista. O autor demonstra que o Terceiro Reich não rejeitava apenas a razão ilustrada e o positivismo, mas se ancorava em uma cosmovisão híbrida que combinava racismo biológico, astrologia, mitologias germânicas e crenças em forças sobrenaturais. Esse “iluminismo negro” foi decisivo na construção do imaginário nazista, que se utilizou da tradição ocultista europeia –

* Professor do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Pós-doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

¹ Kurlander, 2025, p. 22.



incluindo elementos da Teosofia, da Ariosofia e da astrologia – para elaborar uma narrativa de superioridade racial e destino messiânico do povo ariano. Para tanto, “sem compreender essa relação entre o nazismo e o sobrenatural, não é possível entender por completo a história do Terceiro Reich”².

Vale ressaltar que a visão de uma relação íntima e profunda entre o nazismo e o sobrenatural surgiu apenas alguns anos depois da fundação do Partido Nazista. Muitos críticos estavam demasiadamente convictos da relevância sobrenatural do nazismo. Carl Jung equiparou Hitler a um “verdadeiro curandeiro místico [...] um receptáculo espiritual, um semideus”³, bem como conseguiu persuadir o “inconsciente de 78 milhões de alemães”⁴. Por sua vez, Hermann Rauschning, “um nazista expulso do partido, atribui o sucesso de Hitler ao fato de que ‘todo alemão tem um pé em Atlântida, onde procura uma pátria melhor’”⁵.

Kurlander aponta, por exemplo, como o misticismo nórdico, o culto aos deuses germânicos antigos e as teorias de civilizações perdidas, como Atlântida e Thule, serviram de substrato simbólico para justificar o expansionismo territorial e o antisemitismo estrutural do regime. A Sociedade Thule, citada pelo autor, foi uma das organizações ocultistas que influenciaram diretamente os primeiros anos do Partido Nazista, com destaque para figuras como Rudolf Hess e Heinrich Himmler, este último responsável pela incorporação de símbolos esotéricos na SS (*Schutzstaffel*, esquadrilha de proteção de Hitler e dos dirigentes do Partido Nazista).

O autor também analisa como o nazismo instrumentalizou o sobrenatural na propaganda de Estado e até mesmo nas estratégias de guerra. A apropriação de símbolos ocultistas – como a suástica, com origens ancestrais na cultura indo-europeia – foi essencial para criar uma estética de poder capaz de seduzir e hipnotizar as massas. Além disso, Kurlander revela como práticas como a astrologia, a adivinhação e a consulta a médiums foram recorrentes entre oficiais do alto escalão nazista, com o objetivo de influenciar decisões militares.

Hitler, embora cético em relação a certas práticas místicas, teria permitido e até estimulado que seu círculo mais próximo utilizasse esses recursos em momentos de crise. Kurlander descreve episódios em que astrólogos foram mobilizados para orientar campanhas militares ou ações políticas estratégicas, como durante a Batalha da Inglaterra e no planejamento da Operação Barbarossa.

² Kurlander, 2025, p. 10.

³ Jung apud Kurlander, 2025, p. 10.

⁴ Jung apud Kurlander, 2025, p. 10.

⁵ Rauschning apud Kurlander, 2025, p. 10.



Outro aspecto fundamental da obra é a análise de como o nazismo reconfigurou antigos mitos e arquétipos de monstros para desumanizar seus inimigos – especialmente os judeus e os eslavos. Kurlander argumenta que as campanhas de propaganda nazista exploraram o imaginário de bruxas, vampiros e lobisomens para associar seus oponentes a figuras malignas e animalescas. Essa reatualização de lendas populares alimentava o terror e a paranoíia coletivas, reforçando a imagem do inimigo como uma ameaça mítica à pureza racial e à ordem ariana. “Para a maioria dos nazistas e para muitos alemães, esses ‘monstros’ raciais e políticos se tornaram a ‘personificação da diferença, criaturas híbridas’, que eram ‘estranhamente humanas’” [...]⁶. Kurlander continua: “esses monstros não foram criados do nada, mas construídos por meio de uma recombinação de representações reconhecidas que já estavam presentes no imaginário sobrenatural”⁷.

A partir dessa lógica simbólica, Kurlander conecta o racismo do regime às tradições folclóricas do medo, sustentando que o nazismo construiu uma narrativa de guerra racial que operava não apenas no plano político ou militar, mas também no campo do inconsciente coletivo, haja vista que proporcionou por meio do imaginário sobrenatural um espaço ideológico e discursivo no qual os adversários do “nazismo podiam ser desumanizados, marginalizados e figurativamente transformados em monstros que exigiam eliminação física”⁸.

Um dos grandes méritos do livro reside na capacidade de Kurlander em evitar explicações simplistas que reduzem o fenômeno ao “irracionalismo” do nazismo. O autor mostra que a adesão de parte da elite nazista a práticas esotéricas e pseudocientíficas não é contraditória com o uso da tecnologia moderna ou da racionalidade burocrática. O nazismo, argumenta Kurlander, é uma manifestação complexa de modernidade distorcida, em que o apelo ao arcaico e ao místico coexiste com as mais brutais e racionais formas de violência estatal.

“A mágica de Hitler” estabelecida por meio da ciência fronteiriça da parapsicologia foi experimentada durante a República de Weimar (período de governo na Alemanha que durou de 1919 a 1933, surgida após a Primeira Guerra Mundial). “Assim, não admira que Hitler tenha aparentemente lido o tomo parapsicológico de Ernst Schertel, que explicava como manipular as pessoas a fim de obter poder”⁹. Nesse aspecto, Hitler utiliza a abordagem nazista atrelada à propaganda e incumbe a Joseph Goebbels tal intento, uma vez que segue uma máxima persuasiva: se você repetir uma mentira mil vezes, as pessoas começarão a acreditar, ou seja, imagens falsas são necessárias para o reconhecimento da

⁶ Kurlander, 2025, p. 17.

⁷ Kurlander, 2025, p. 17.

⁸ Kurlander, 2025, p. 18.

⁹ Kurlander, 2025, p. 110.



verdade. Ademais, o discurso fantasmagórico e convincente da população alemã tem sua base fundamentada na tradição mágica que, segundo Hitler possuía laços muito estreitos e profundos com o passado humano e constituía uma parte essencial da vida política, haja vista que o objetivo era o de conceder poder aos seres humanos.

Dentro dessa perspectiva, inúmeras pessoas compararam Hitler a um médium, mágico ou médico, uma vez que ele podia manipular “forças místicas que os seres humanos não conseguiam evitar”¹⁰. Sendo ele considerado um tipo de médium por muitos, Hitler só possuía essa “habilidade” quando tinha uma multidão a sua frente, ou então, cujos poderes “demoníacos” faziam dos homens seus instrumentos. Jung menciona que dois tipos de ditadores, isto é, o chefe e o curandeiro, “‘Hitler é o último. Ele é um médium’. A política alemã não foi feita, prosseguiu ele, mas ‘revelada por meio de Hitler. Ele é o porta-voz dos deuses, como antigamente’”¹¹. Hitler também hipnotizava quem estivesse perto dele, bem como ele era um curandeiro, pois podia levar as pessoas de voltar “ao estado selvagem”, a palavra falada era um elemento fundamental para a magia de Hitler. Em suma: “‘Os discursos de Hitler foram provavelmente o maior exemplo de feitiçaria de massa que o mundo ouviu nos tempos modernos’, observou Haiden”¹².

Essa perspectiva se alinha a estudos como os de George Mosse e Ian Kershaw, que destacam a centralidade do mito na construção do nacional-socialismo, e também dialoga com a tradição benjaminiana de interpretação crítica das imagens e narrativas modernas que se embrenham no irracional. Kurlander demonstra que o nazismo apropriou-se de elementos do ocultismo, do arianismo místico e de teorias esotéricas para construir uma narrativa poderosa que legitimava sua ideologia racista e expansionista. O autor mostra, por exemplo, como a crença na “Ciência de Fronteira” (*Grenzwissenschaft*), que envolvia astrologia, parapsicologia e doutrinas ocultistas, influenciou desde decisões políticas até a propaganda nazista. Esse fenômeno dialoga com a análise de Mosse sobre a “brutalização da política”, onde mitos e rituais coletivos foram usados para transformar a ideologia nazista em uma religião política, mobilizando as massas de maneira emocional e irracional.

Ao mesmo tempo, a perspectiva de Kurlander também ressoa com a tradição benjaminiana de interpretação crítica das imagens e narrativas modernas. Walter Benjamin¹³, em sua crítica à estetização da política, argumentava que o fascismo transformava ideologias em espetáculos míticos e simbólicos para manipular as massas. Kurlander mostra ainda como o nazismo utilizou símbolos arcaicos, mitos de pureza

¹⁰ Kurlander, 2025, p. 112.

¹¹ Jung apud Kurlander, 2025, p. 112.

¹² Haiden apud Kurlander, 2025, p. 113.

¹³ Benjamin, 2012.



racial e um imaginário apocalíptico para criar um regime onde o irracional se tornou norma. O culto ao ocultismo e à magia, incorporado à estética e à ideologia do Reich, não foi um mero adereço, mas um elemento estrutural que reforçava a autoridade do regime e a construção do inimigo como uma entidade quase demoníaca.

Portanto, em *Os monstros de Hitler* oferece uma contribuição relevante ao campo dos estudos históricos e culturais ao iluminar o papel do esoterismo e do ocultismo na trajetória do nazismo. Ao demonstrar como o sobrenatural foi mobilizado politicamente, Eric Kurlander amplia o entendimento do Terceiro Reich como um fenômeno que não se limitou ao plano econômico, político ou militar, mas que se inseriu em uma teia simbólica e imaginária de longa duração.

O livro revela, assim, que o combate ao totalitarismo requer não apenas o enfrentamento das estruturas materiais de opressão, mas também a crítica constante aos mitos e fantasias que alimentam ideologias de ódio. Nesse sentido, a obra de Kurlander permanece atual, alertando para os riscos de renascimentos contemporâneos de discursos que misturam misticismo e extremismo, bem como necessita de maior fôlego de leitura analítico-crítica a ser partilhada na comunidade acadêmico-científica.

Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reproduibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

KURLANDER, Eric. *Os monstros de Hitler: Uma história sobrenatural do Terceiro Reich*. Trad. De Gisele Eberspacher. Rio de Janeiro: Zahar, 2025.

Enviado em: 29/03/2025

Aprovado em: 30/04/2025